

# Laisa Santos Sampaio

uma história de trabalho, vida  
e morte na Amazônia

*Laisa Santos Sampaio e Gil Felix*





# **Laisa Santos Sampaio**

## **uma história de trabalho, vida e morte na Amazônia**

*Laisa Santos Sampaio e Gil Felix*

Nova Ipixuna

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

S192l Sampaio, Laisa Santos

Laisa Santos Sampaio : uma história de trabalho, vida e morte na Amazônia / Laisa Santos Sampaio, Gil Felix. – Nova Ipixuna : Edição do autor, 2021.

105 p. : il.

ISBN: 978-65-00-36672-3

1. Autobiografia. 2. Classe trabalhadora. 3. Amazônia. I. Sampaio, Laisa Santos II. Felix, Gil. III. Título.

2021-4688

CDD 920

CDU 929

**Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Autobiografia 920
2. Autobiografia 929

# Sumário

Sobre o livro .....	7
Amazônias .....	14
Famílias .....	35
Projetos.....	46
Assassinatos .....	71
Prêmios.....	77
Lutas .....	84
Revidas .....	92
Muito mais do que viver .....	99
Mão .....	101
Chacinas .....	103



# Sobre o livro

Este livro é fruto de uma longa amizade que mantemos eu, Laisa, Zé Rondon e suas famílias, desde os tempos em que eles gentilmente me receberam para iniciar um trabalho de pesquisa de campo no Assentamento em que moram, por volta de 2005. Com Laisa, conseguimos finalmente dar continuidade a um antigo projeto de escrever algo em formato de livro sobre a vida dela.

Para nossa satisfação, ele se concretizou quase como o concebemos, entre nossos afazeres, feito totalmente por nós mesmos. A editoração final foi contratada e financiada com nossos próprios salários, sem intenção de concorrer a prêmios ou distinções além

daquela que foi aqui descrita por Laisa: “Os registros que eu fiz da minha vida são apenas uma parte do que vive a maioria... isso é algo para ser lembrado não pelo que sou e faço. É para ser lembrado para a causa da classe trabalhadora e pequenos produtores que lutam a cada dia para sobreviver em um pedaço de terra”.

Laisa terminou o livro com muitas dificuldades para acessar a internet, escrever, revisar e para cozinhar para Zé Rondon e para o pedreiro que, juntos, reformavam parte da sua casa. E em meio ao nascimento da filha de Adriana, que, como homenagem, decidi dar o nome de Maria para a bebê. Eu, por outro lado, lutando contra as perseguições políticas que se desencadearam a partir do meu último livro e da minha docência na Unila. Mudando de casa e me lembrando do meu primeiro ano de pesquisa no Pará.

Embora o contexto em que os pequenos produtores e trabalhadores vivessem na



Amazônia não fosse lá tão alheio para mim, por outros motivos, ao conversar com eles, eu também constantemente me deparava com boas surpresas, diríamos, assim, “históricas”, com aspás. Foi o caso do pai de Zé Rondon, um senhor que ao me receber no seu lote e ao me preparar um suco de açaí, sem eu ter perguntado nada sobre o assunto, descreveu aquela “gente de coragem” na região do Araguaia, referindo-se especialmente a Dina e aos demais guerrilheiros, que conheceu e ajudou. Laisa, por sua vez, ao longo desses anos também veio a condensar uma dessas trajetórias que perpassam cotidiano de classe e situações-evento monumentalizados em história.

A narrativa autobiográfica de Laisa está completamente baseada em textos escritos por ela e em entrevistas gravadas que fizemos, tentando organizar para nós mesmos as memórias sobre as temáticas que escolhe-

mos destacar e que aqui tomaram a forma de 10 capítulos<sup>1</sup>.

Não seguimos roteiro a fim de objetivar essa memorialização e nem tivemos esse princípio organizador de pensamento ao produzir o texto. As vezes em que assumi o papel de entrevistador, como foi o caso, por exemplo, dos momentos em que usamos gravador e que criamos situações de entrevista, como em fevereiro de 2019, ou quando editei o primeiro rascunho do livro,

---

<sup>1</sup> Dentre outros, consultamos os seguintes textos: Santos Sampaio, Laisa. Discurso na ONU por ocasião da entrega do Prêmio Heróis da Floresta, postumamente, à José Claudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo (2012); Santos Sampaio, Laisa. Conflito e esperança. Discurso para a Assembleia Municipal da cidade de Esslingen am Neckar, Alemanha. Mimeo, 2015; Grupo de Trabalhadoras Artesanais e Extrativistas (GTAE)/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Rural de Marabá (IFET-Marabá). Projeto de construção de uma cozinha e apoios para a mercantilização de produtos do GTAE intitulado “Valorização de sistemas agroextrativistas na produção de óleo e subprodutos de andiroba (Carapa guianensis) como estratégia de fortalecimento do agroextrativismo familiar na região sudeste do Pará”. Coordenadores: Laisa Santos Sampaio e Claudionisio de Souza Araujo. Nova Ipixuna, mimeo., 2016; Escola Chico Mendes/PAE e LASAT/UFPA. “Conhecendo os caminhos da andiroba”. Coord. Laisa Santos Sampaio. Nova Ipixuna, mimeo., 2006; Escola Chico Mendes/PAE e LASAT/UFPA. “Recursos florestais: utilidade e sustentabilidade”. Nova Ipixuna, mimeo., s/d; Santos Sampaio, Laisa. Memorial. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização “Currículo, Cultura, Letramento e Educação do Campo”. Profa. Idélma Santiago. Marabá: Unifesspa, s/d.

em setembro de 2021, orientei as memórias de Laisa em termos cronológicos, buscando apresentá-las para um imaginado leitor que não a conhece.

Sociologicamente, cabe ressaltar que o livro não fornece informação para além da própria produção social do livro, situação de publicação etc. Nós não inserimos dados científicos a respeito da produção dessas memórias e nem estivemos interessados em objetivar essas informações para o leitor. Contudo, ciência a ser feita por nós mesmos, e/ou a quem interessar possa, pode ser fonte para a pesquisa sobre a produção de memória dentre a classe trabalhadora e, especialmente, sobre a formalização, textualização e produção do discurso acerca da memória na sociedade de classes.

A dominação que se materializa no âmbito da linguagem através da qual as memórias tomam forma é, contudo, quase totalmente indevassável em seus próprios termos e pré-

-seleciona para notas aquilo o que é considerado significativo para o mundo escrito e para as camadas sociais que habitam esse universo de classe, em especial, em instituições centrais desse universo, como a escola e o discurso social. Essa dominação dupla retira não apenas a condição social de possibilidade de produção e seleção de idéias e as suas ferramentas sociais de organização da realidade - expropriando ou domando o pensamento sobre o fato que pode e/ou que deve ser conhecido, retirando de órbita o fato que não pode ser conhecido - mas, perversamente, acumula esses fatos em situações sociais que retroalimentam a dominação de classe.

Contudo, obviamente, isso não é privilégio dos/as trabalhadores que estão alijados das condições sociais de produção do pensamento. O assalariamento direto e indireto dos trabalhadores do universo escrito, por exemplo, cujas condições são de ainda menor acesso à informação alterclassista a partir

de dentro do mesmo, em geral, toma a forma da produção dessas ferramentas de dominação do pensamento pelas quais a memória terá as condições de ser veiculada, como foi e ainda é o caso dos identitarismos e dos mais variados essencialismos que tão fortuitamente favorecem aos interesses de classe dos donos dos meios de produção do discurso social contemporâneo em praticamente todos os níveis de instrução, escolarização e compartimentalização do pensamento.

Fazer ciência das nossas memórias, portanto, nesse contexto, não estaria em um grau de dificuldade maior ou menor de outros tempos. Mas, sem dúvida, oferece algumas sinucas de bico em um jogo que eu, Laisa e Zé Rondon nos deparamos ao longo desses anos e que esse livro brinda espetacularmente a nós mesmos como fonte.

Berlim, 13 de dezembro de 2021.

Gil Felix.

# Amazônias

A minha história define a de muitos outros companheiros que lutam e lutaram para resistir e conseguir viver. É um desafio e um conflito constante, e é dentro deste contexto que estou inserida. Eu sou Laisa Santos Sampaio e moro no Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta/Piranheira, no Núcleo Maçaranduba II, no município de Nova Ipixuna, estado do Pará, Brasil.

Vou iniciar com o processo de construção da minha própria memória. Faz tempo, eu mesma fiz um trabalho para a minha faculdade a fim de construir conhecimento sobre a minha família e a minha origem. Naquele momento, busquei reconstituir a genea-

logia e os espaços percorridos ao longo da vida, mostrando a importância dos lugares em que a minha família esteve e que ainda hoje marcam a minha memória. Fiz entrevistas, levando em conta os conhecimentos vivenciados sobre a história dos troncos familiares, pesquisei e selecionei documentos e fotos encontrados com membros da família (pai, tia e irmãs). Os lugares que a família viveu e a nossa trajetória contribuíram para a minha formação hoje e têm um caráter teórico-prático que serviu como estímulo e motivação para instigar-me a uma prática reflexiva. Sendo assim, vou começar descrevendo essa história e árvore genealógica.

Em um processo de construção pessoal, nós também nos situamos no mundo e nos tornamos capazes de refletir e agir sobre ele, almejando transformá-lo. Por isso, torna-se importante realizar uma viagem por meio da memória e pela linha do tempo, mesmo sabendo que em vários aspectos ela não se

mostra completa. Mas o importante é ter a certeza de que vamos compondo e recompondo os nexos dos fatos entrelaçados pelas emoções e pelas lembranças.

Portanto, proponho que trilhemos por minha vida, com ênfase nas experiências de trabalho que se tornaram significativas na minha trajetória. Como eu escrevi antes, essa é também a história de muitos companheiros como eu.

## Bisavós e avós

Início pelos meus bisavós, pais da minha avó paterna, que são: José Pereira dos Santos, cearense. Conta meu pai que eram conhecidos como ‘família dos vermelhos’, por serem brancos e corados, que era como se dizia na época. Já minha bisavó, Eduarda Benicia da Silva, nasceu no Maranhão e lá permaneceu por toda a sua vida. Tiveram



cinco filhos, dentre eles, a minha avó, que se chamava Martinha dos Santos, nascida também no Maranhão. Já sobre meus bisavós paternos, não há registro nenhum. O meu avô Manoel Pereira fugiu ainda adolescente da família e, conta meu pai, nunca quis comentar sobre isso. Da união dos meus avós nasceram também cinco filhos. Dentre eles, Margarida, Manoel e meu pai, Luiz Pereira dos Santos, nascido no dia 19 de abril de 1929, mais precisamente na localidade de Malha Velha, município de Montes Altos, Estado do Maranhão.

Por outro lado, meus bisavôs maternos são: Maria Pereira e Damásio Pereira, filho de africano e nascido no Maranhão, segundo supõe minha tia Analdina Pereira do Nascimento. Minha bisavó ganhou esse nome depois de ter sido raptada no mato. Ela era uma índia não civilizada, como se chamava na época. Meu bisavô a roubou e eles tiveram não se sabe quantos filhos. Há

o registro apenas do meu avô, Pedro Pereira, que se casou com Jerônima Pereira da Silva, que também ganhou esse nome porque era filha de índio maranhense. Foi uma homenagem ao nome da mãe do meu avô. Dessa união nasceram Analdina Pereira da Silva e Maria José Pereira da Silva, no estado do Maranhão. A minha mãe nasceu no dia 13 de fevereiro de 1928, na localidade Ponta Grossa, município de Imperatriz. Em 1930, a minha avó morreu com uma forte dor de cabeça e, no ano seguinte, uma hanseníase levou seu esposo a óbito. As filhas foram criadas pelas tias, irmãs do meu avô, na mesma localidade em que nasceram.

Os lugares percorridos pela família eram muito vinculados à forma de organização do trabalho que se dava na agricultura. A região vivida pelos meus avós até os meus pais foi o Maranhão mais próximo do Pará. Por isso, muitos costumes populares, expressões e modos de falar ainda são muitos usados

por nós, com o uso de provérbios da região: “Quem com o ferro fere, com o ferro será ferido”.

Nosso tipo de alimentação e as práticas religiosas também são de lá. Meus avós paternos todos os anos mantinham a tradição do festejo de São Lázaro. Então, a minha família continuou mantendo essa tradição de participação em festejos religiosos. Não só de São Lázaro, mas, especialmente, do Divino Espírito Santo (Divino da Pedra).

Na atualidade, pouco se pode relacionar os lugares que vivemos com aqueles dos nossos avós. A maioria mora na cidade, ou seja, um ambiente totalmente diferente. Apenas eu e a minha falecida irmã Maria vivíamos no campo. Agora, só eu. Mas com um ritmo de vida bem diferenciado. Ocupamos outros espaços que as mulheres que faziam parte das nossas famílias não tiveram acesso. Estudamos, trabalhamos fora, participamos

de cargos importantes nas entidades e resolvemos assuntos da família.

Então, aqui começa a minha história.